

**O Pós-Colonialismo nos Romances *Waiting for the Barbarians* e
Disgrace de J. M. Coetzee**

**Post-Colonialism in the Novels *Waiting for the Barbarians* and
Disgrace by J. M. Coetzee**

Ludmila Corrêa da Silva Honorio e Santos¹

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Este artigo tem como proposta a análise dos romances sul-africanos *Disgrace* (*Desonra*), e *Waiting for the Barbarians* (*À espera dos bárbaros*) do escritor J. M. Coetzee. Os romances estão envolvidos pelo contexto da África do Sul durante e pós-regime *Apartheid*, e são analisados sob a ótica dos estudos sobre as literaturas pós-coloniais. Após a apresentação do autor dos romances, uma breve contextualização histórica das obras é exposta, retratando a África do Sul a partir do século XVII, no viés de três momentos da história do país: de suas origens à independência, o *Apartheid* e a nova África do Sul. Em seguida são feitos apontamentos sobre os fundamentos do pós-colonialismo, ponderando sobre sua posição contra o imperialismo e o eurocentrismo, e passando pelas concepções de identidade e alteridade. Mais adiante, são feitas observações sobre o foco narrativo nos estudos de ficção procurando compreender a perspectiva através da qual o narrador articula a história a ser contada e se posiciona em relação ao fato narrado. Por fim, o estudo se debruça sobre a análise das personagens dos romances como reveladoras das estruturas básicas dos valores impressos em cada obra, e como representações da sociedade pós-colonial na qual se inserem.

Palavras-chave: Romance sul-africano. Pós-colonialismo. *Apartheid*. Coetzee.

Abstract: This paper aims to analyze the South African novels *Disgrace* and *Waiting for the Barbarians* by J. M. Coetzee. The novels are wrapped by the context of South Africa during and post-regime *Apartheid*, and will be analyzed from the perspective of post-colonial studies. After introducing the author, a brief historical contextualization of the novels is exposed, portraying South Africa from the seventeenth century on, under the perspective of three moments of the country's history: from its origins to independence, the *Apartheid* and the new South Africa. Next, notes are made on the fundamentals of post-colonialism, pondering over its position against imperialism and eurocentrism, and going through the concepts of identity and otherness. Further, observations are made about the narrative focus on fiction studies seeking to understand the perspective through which the narrator articulates the story to be told and positions in relation to the fact narrated. Finally, the study focuses on the analysis of the characters of the novels as revealing of the basic structures of the values printed on each work, and as representations of the post-colonial society in which they operate.

Key-words: South African novel. Post-colonialism. *Apartheid*. Coetzee.

Submetido em 06 de dezembro de 2015.

Aprovado em 29 de fevereiro de 2016.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: <santoslcsh@gmail.com>

Introdução

Este artigo tem como proposta a análise dos romances *Waiting for the Barbarians* e *Disgrace* do autor sul-africano J. M. Coetzee, alicerçada nos estudos sobre as literaturas pós-coloniais. Após apresentação do autor dos romances, serão feitos apontamentos sobre o contexto histórico das obras e os fundamentos do pós-colonialismo. Logo a seguir, passaremos à análise do foco narrativo das obras em questão e, por fim, à análise das personagens principais de cada romance.

Filho de pais africânderes², John Maxwell Coetzee nasceu em *Cape Town*, na África do Sul, em 09 de fevereiro de 1940, e cresceu assistindo de perto as injustiças do *Apartheid* e a prática da segregação racial. Publicou seu primeiro romance, *Dusklands* em 1974. Em 1980 escreveu *Waiting for the Barbarians*. Ganhou o *Booker Prize* (o mais prestigiado prêmio literário da comunidade anglo-saxônica, criado em 1968, atribuído anualmente a obras de romance e ficção redigidas em língua inglesa por autores vivos), por *The Life and Times of Michael K* e publicou dois trabalhos autobiográficos, *Boyhood* (1997) e *Youth* (2000). O autor ganhou seu segundo *Booker Prize* em 1990 por *Disgrace*. Em 2003, ganhou o Nobel de Literatura. O escritor aborda sem embelezamento a segregada sociedade de seu país, e por seu premiado romance *Disgrace*, que expõe conflitos entre negros e brancos, chegou a ser tachado de racista pelo Congresso Nacional Africano (CNA), o partido hegemônico no governo pós-*Apartheid*. É considerado pela crítica um ícone da literatura pós-colonialista da África do Sul.

1. Contexto Histórico das Obras

Os romances analisados nesse trabalho foram lançados em dois momentos distintos da história da África do Sul: durante e pós regime *Apartheid*. Para o entendimento mais amplo e claro das obras, é preciso compreender as estruturas sociais, políticas e culturais que permeiam a trajetória desse povo, assim como esclarecer de que maneira as relações de poder tomaram forma no decorrer de sua história. Para tanto, faremos uma breve abordagem que buscará situar o leitor no viés de três momentos da história do país: de suas origens à independência, o *Apartheid* e a nova África do Sul

Os navegadores portugueses foram responsáveis pela descoberta da Rota Marítima do Cabo um século e meio antes da fundação de uma estação de

² Grupo étnico, predominantemente descendentes de colonos holandeses, que chegou inicialmente nos séculos XVII e XVIII à África do Sul. Inicialmente denominados bôeres.

abastecimento (que mais tarde viria a ser a Cidade do Cabo) pela Companhia Holandesa das Índias Orientais no início do século XVII. Pouco mais de um século depois, os britânicos superaram o poderio holandês que estendeu a colonização a oeste enquanto procuravam fugir da dominação inglesa que se estabeleceu a norte e leste do país.

A descoberta de diamantes e ouro no fim do século XVII intensificou ainda mais a subjugação dos nativos pelos sul-africanos europeus. A luta pelo controle desses importantes recursos econômicos ditou as relações entre nativos e sul-africanos europeus, e entre, por sua vez, bôeres e britânicos.

Houve duas guerras pelo controle colonizador do território: a Primeira Guerra dos Bôeres, quando as repúblicas bôeres resistiram aos ataques britânicos, e a Segunda Guerra dos Bôeres, quando os britânicos saíram vencedores. Com o fim da guerra e após alguns anos de negociação, foi criada em maio de 1910, a União Sul-Africana, um domínio britânico que incluía os territórios de domínio inglês e bôer.

Durante todo o processo da colonização de povoamento que ocorreu na África do Sul, os nativos foram sempre combatidos e subjugados. À “barbárie negra” (VISENTINI, 2010, p. 29) era negado qualquer lugar na sociedade a não ser o de uma classe trabalhadora subordinada e subserviente. “Assim, a raça vai se tornando um critério de posição social em relação à propriedade dos meios de produção (terras e rebanhos).” (VISENTINI, 2010, p. 30).

A União Sul-Africana consagrava o princípio da Segregação (depois de 1948, Separação ou *Apartheid*) e instituiu o *Native Land Act*, que restringiu severamente a propriedade de terra por negros, por meio do qual 7% do território nacional foram deixados aos negros, que representavam 75% da população e 93% das melhores terras foram entregues aos brancos que correspondiam a 10% da população. Em 1923 o *Native Urban Act* limitou drasticamente a possibilidade de os negros se instalarem em cidades consideradas redutos dos brancos:

Trabalhadores negros passaram a ser considerados assalariados e seus movimentos ficaram sujeitos ao controle total através de medidas policiais e proibição de casamentos, entre outros impedimentos. E ainda, o *Native Affairs Act* coroou o complexo estabelecimento de uma legislação segregacionista, regulando o sistema de exploração do trabalho negro. (PEREIRA, 2010, p. 37)

Em 1931, a União Sul-Africana tornou-se independente do Reino Unido por meio do Estatuto de Westminster. Em 1948, o Partido Nacional chega ao poder e institucionaliza a segregação racial que já vigorava desde colonização holandesa e

britânica, o *Apartheid*. O movimento dos negros dentro do país foi restringido e controlado. A intitulada Lei de Passes e Documentos, de 1952, exigiu que todos os africanos negros transportassem um “livro de referência”, no qual o histórico de seus empregos e de residência fosse anotado. A maioria branca tinha acesso a um alto padrão de vida, enquanto a grande maioria negra sofria com a baixa renda, a precária habitação, alimentação, educação e baixa expectativa de vida.

O sistema *Apartheid* seguiu acompanhado de intensa luta antirracista por parte da população oprimida. Em 1912, foi criada a primeira organização política negra do país, o Congresso Nacional Africano (CNA), cujos integrantes eram egressos de escolas mantidas por missionários europeus com títulos obtidos em universidades estadunidenses e europeias, e que, inicialmente, propuseram um programa conciliador. Os primeiros líderes do CNA acreditaram que seria possível discutir com os africanos o conteúdo injusto das leis de segregação. Na década de 1950, o grupo conseguiu ampliar sua frente por meio da Carta da Liberdade, que apresentava uma denúncia radical do regime e discutia sua abolição, assim como defendia a redistribuição da riqueza. Braços menos pacifistas surgiram do CNA, entre eles o comandado por Nelson Mandela e Oliver Tambo. A repressão a esses grupos foi intensa, eles foram postos na ilegalidade, seus participantes presos ou exilados.

Foi somente na década de 1980 que o fim do regime começou a soar como possibilidade. Para Pereira (2010), três elementos contribuíram para a derrocada do regime: a queda dos preços do ouro (que levou à desvalorização da moeda sul-africana), as exorbitantes despesas orçamentárias necessárias à manutenção da máquina do *Apartheid* e as sanções financeiras impostas ao país em função da crise financeira que atravessava.

Foi nesse cenário que o governo do país começa a dismantelar o sistema de *Apartheid* e, em abril de 1994 são realizadas as primeiras eleições multirraciais da história sul-africana. O CNA ganha as eleições e Nelson Mandela, formando um Governo de unidade nacional, torna-se o primeiro presidente sul-africano negro. Consoante Pereira,

A ascensão de Mandela ao poder certamente alterou a reorganização interna, a partir de sua política de transformação social e política e também auxiliou na recomposição das relações externas do país. Apesar do otimismo dos primeiros anos de governo, deve-se reconhecer que as redefinições internas, as relações regionais e o papel da África do Sul no cenário internacional não evoluíram sem problemas. (PEREIRA, 2010, p. 59)

Após comandar a transição à democracia, Mandela foi sucedido por Thabo Mbeki que, objetivamente, herdou um Estado falido. A insatisfação generalizou-se nos anos finais do governo Mbeki. A imagem do presidente transparecia uma democracia que tinha pouco cuidado com a maioria dos pobres e sua ligação com as classes médias e altas da sociedade sul-africana transformou-se no sucesso de Jacob Zuma, ministro popular que lutava pelos interesses das vítimas do HIV e das classes mais baixas da sociedade, e que ascendeu ao cargo de presidente com expressiva votação.

Aos 72 anos, mesmo tendo sido acusado de vários casos de corrupção, as pesquisas de intenção de voto³ para as próximas eleições indicam que Zuma (CNA) permanecerá no poder por mais um mandato. Vinte anos após o fim do regime separatista que massacrrou a maioria da população do país, a África do Sul se vê às voltas com o aprimoramento das instituições democráticas das quais depende o fim da desigualdade que caracterizou por tanto tempo sua sociedade.

2. As Literaturas Pós-coloniais

O termo pós-colonialismo não constitui um *corpus* unificado. É bastante abrangente podendo ser entendido como um conjunto de teorias que examina os efeitos do colonialismo nos países colonizados, principalmente pelas grandes potências europeias. As análises deste trabalho são feitas sob a ótica da política, da filosofia, da arte e da literatura.

Sob o prisma da literatura, o pós-colonialismo é mais específico e observa as obras produzidas em nações que já foram colônias de outros países. O pós-colonialismo pode significar uma posição contra o imperialismo e o eurocentrismo (BONNICI, 2005). Esse campo de estudos ganhou proeminência na década de 1970 com os estudos de Edward Said e sua obra *Orientalismo* (1978) que analisou as influências ocidentais nas obras literárias orientais e foi consolidado com a publicação de *The Empire Writes Black: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures* dos australianos Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin. A partir de então, as terminologias utilizadas para remeter às obras produzidas nas ex-colônias (como *Commonwealth Literatures* ou *Third World Literatures*), foram abandonadas e substituídas pela nova nomenclatura que absorve em si um novo comportamento e compreensão das obras analisadas, encerrando

³ Dados da revista Carta Capital em reportagem de 10 out. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/799/a-forca-do-mito-2772.html>>.

um entendimento mais claro da opressão ideológica, cultural, militar, política e econômica sofrida por essas nações.

Ashcroft (1998, p. 191) aponta que o pós-colonialismo compreende toda a cultura influenciada pelo processo imperial desde o início da colonização até hoje. Para Bonnici (2005), a literatura pós-colonial é o resultado da experiência de colonização baseada na tensão com o poder colonizador,

O pós-colonialismo é uma práxis social, política, econômica e cultural objetivando a resposta e a resistência ao colonialismo, tomado no sentido mais abrangente possível. É o estudo da maneira pela qual as culturas se reconhecem através de sua projeção da alteridade. (BONNICE, 2005, p. 88)

Para compreender alteridade é preciso antes entender a relação entre o eu e o outro. O eu só se define a partir do outro. “A identidade própria do sujeito colonizador, de fato, a identidade da cultura imperial, é inseparável da alteridade dos outros colonizados.”⁴ (ASHCROFT et al., 1998, p. 12, tradução minha) Em *O Local da Cultura*, Bhabha (2003, p. 59) observa que a partir do discurso do colonizador

O outro é citado, mencionado, emoldurado, iluminado, encaixado na estratégia de imagem/contra-imagem de um esclarecimento serial. A narrativa e a política cultural da diferença tornam-se o círculo fechado da interpretação. O outro perde seu poder de significar, de negar, de iniciar seu desejo histórico, de estabelecer seu próprio discurso institucional e oposicional”

Segundo Thomas Bonnici (1998), o desenvolvimento das literaturas pós-coloniais se deu na dependência de dois fatores importantes: as etapas de conscientização nacional e a asserção de que são diferentes da literatura do centro imperial.

A primeira etapa compreende textos produzidos por sujeitos que representavam o poder colonial, e que abordavam os costumes locais, a fauna, a flora, a língua, sempre do ponto de vista da metrópole, privilegiando o centro em detrimento da periferia, a metrópole em detrimento da colônia. A segunda etapa envolve uma fase bastante peculiar em que os textos escritos recebem a supervisão imperial, pois são produzidos por nativos que receberam educação na metrópole e se sentiam envaidecidos e gratificados por pertencerem à classe dominante ou serem protegidos por ela. A terceira etapa envolve textos que apresentam certa diferenciação até uma ruptura total com os padrões adotados e emanados da metrópole.

⁴ The self-identity of the colonizing subject, indeed the identity of imperial culture, is inextricable from the alterity of colonized others.

A teoria pós-colonial permite a análise das relações de poder por meio dos mais variados contextos, a política, a economia, a cultura, as produções culturais, a ciência e também o feminismo. Existe um assentimento de uma estreita relação entre as teorias feministas e as teorias pós-coloniais num território comum no conceito do “duplamente colonizada”, uma expressão que se refere às mulheres nos países antigamente colonizados que são “duplamente colonizadas por leis coloniais e patriarcais; como resultado, surgiu um tipo de subcategoria de estudos pós-coloniais, sintetizando a teoria feminista e a análise do imperialismo.” (SADLIER, 2004).

Muito embora exista esse lugar comum entre as duas teorias, não há como escapar de um ponto de embaraço que se torna latente quando observamos o enfoque de cada teoria; enquanto a teoria feminista privilegia o gênero e a sexualidade, os estudos pós-coloniais observam a raça e a classe social. Segundo Sadler (2004),

[...] feminismo euro-norte-americano dá demasiada atenção à política sexual da classe média branca; seu relativo silêncio sobre assuntos de raça e classe social o torna perigosamente semelhante à ideologia imperial que ele presumivelmente repudia. Em outras palavras, as mulheres nos dois lados desse assunto - mulheres em países relativamente prósperos contra mulheres em áreas relativamente pobres do mundo--têm uma relação incômoda umas com as outras.

A descolonização do feminino assim como do sujeito colonizado se dá quando eles se transformam em indivíduos politicamente conscientes enfrentando o opressor. Bonnici (1998) aponta para três teorias sobre a reversão do colonizado-objeto em sujeito dono de sua própria história, a de Janmohammed, a de Bhabha e a de Wilson Harris.

Janmohammed (apud BONNICI, 1998, p. 15) afirma que o autor pós-colonial deve dedicar-se à “produção de estereótipos negativos do colonizador e de imagens autênticas do colonizado”. Assim ele estaria criando um mecanismo que foi produzido inversamente na era colonial, e que foi bastante eficaz.

Bhabha (apud BONNICI, 1998, p. 15) nega esse extremo colonizador-colonizado, e reconhece que a alteridade é “a sombra amarrada do sujeito porque ambos se construíram. Este hiato entre o sujeito e o objeto, o território da incerteza, é aproveitado pelo autor pós-colonial para reconstruir seus personagens pós-coloniais”. O hibridismo colonial seria responsável por construir um novo sujeito pós-colonial.

Wilson Harris (apud BONNICI, 1998, p. 15) observa que o sujeito colonizado possui muitas facetas, o eu e o outro. A identidade pós-colonial é justamente a procura do “eu composto”. “A violência (o desmembramento do sujeito) é seguida pela

fragmentação e pela reconstrução do vazio a partir do qual as culturas são liberadas da dialética destrutiva da história.” Essa procura, subvertendo a noção de eurocentrismo, traça o perfil de sociedades oprimidas por políticas de dominação e de subserviência.

3. A relevância do foco narrativo

Nos estudos de ficção, o foco narrativo, ou ponto de vista, compreende a perspectiva através da qual o narrador articula a história a ser contada e explicita sua posição em relação ao fato narrado. O ponto de vista constitui um dos mais relevantes recursos técnicos utilizados pelo escritor para transmitir com propriedade a verdade ficcional de sua obra. É através dele que o autor articula a narração e se apropria da verossimilhança. Para Shorer, “a técnica é o único meio de que o escritor dispõe para descobrir, explorar, desenvolver sua matéria, transmitir seu significado e, por fim, avaliá-lo”. (apud FRIEDMAN, 1967, p. 167).

Vários grandes nomes se ocuparam da problemática da verossimilhança nas obras ficcionais. A teoria do foco narrativo tem suas raízes ainda em Platão e Aristóteles. Consoante Leite (1989, p. 6),

[...] se narrar é coisa muito antiga, refletir sobre o ato de narrar também o é. Pelo menos é possível recuar essa reflexão teórica sobre as formas de narrar a Platão e Aristóteles. São eles que iniciam, na tradição do Oriente, uma discussão que não vai mais se acabar, sobre a relação entre o modo de narrar, a representação da realidade e os efeitos exercidos sobre o ouvinte e/ou leitores.

A teoria do foco narrativo ainda encontra alicerces nos estudos de grandes nomes como o de Henry James, passando por Percy Lubbock, Wayne C. Booth e Norman Friedman. Para o estudo proposto neste artigo dos romances *Disgrace* e *Waiting for the Barbarians*, nos valeremos das sistematizações feitas por Norman Friedman por entendermos serem elas uma tentativa de síntese das diversas teorias anteriores a ele e por apresentarem uma tipologia mais sistemática.

Quando levantamos as principais questões as quais é preciso responder para tratar do narrador: quem conta a história? De que posição (ângulo) o narrador conta a história ao leitor? Quais os canais de informação utilizados pelo narrador para comunicar a história? Nos deparamos com dois perfis diferentes de narrador em *Disgrace* e *Waiting for the Barbarians*.

Em *Disgrace* reconhecemos o narrador onisciente seletivo de Friedman. O narrador onisciente seletivo tem seu ângulo de visão num centro fixo. Há um

predomínio quase absoluto da cena, não há propriamente narrador. Os canais de informação são limitados aos sentimentos, pensamentos e percepções da personagem central e seu universo é extradiegético. Ligia Chiappini Leite (1989, p. 48) esclarece que “é típico da onisciência seletiva o deslizar do exterior para o interior, encenando o processo mental das personagens”. Esse aspecto revela detalhes da consciência da personagem, dando privilégio a apenas um ponto de vista da narrativa.

Neste trecho de *Disgrace* é possível observar a caracterização desse perfil de narrador, cuja voz se confunde com a do protagonista. É possível observar que o leitor somente tem acesso à história da perspectiva da voz do narrador (que se confunde com a de Lurie). O narrador estrategicamente deixa sempre uma lacuna imensa a ser preenchida pelo leitor. Observamos isso nessa passagem do romance:

Not rape, not quite that, but undesired nevertheless, undesired to the core. As though she had decided to go slack, die within herself for the duration, like a rabbit when the jaws of the fox close on its neck. So that everything done to her might be done, as it were, far away. ‘Pauline will be back any minute,’ she says when it is over. ‘Please. You must go.’ He obeys, but then, when he reaches his car, is overtaken with such dejection, such dullness, that he sits slumped at the wheel unable to move. A mistake, a huge mistake. At this moment, he has no doubt, she, Melanie, is trying to cleanse herself of it, of him. He sees her running a bath, stepping into the water, eyes closed like a sleepwalker's. He would like to slide into a bath of his own. (COETZEE, 1999, p. 11)⁵

A escolha de Coetzee por esse tipo de narrador espelha seu posicionamento em relação à sociedade que tão criticamente ele retrata em suas obras. O modo onisciente seletivo de apresentação da ficção traz o desaparecimento do narrador. A onisciência seletiva não aceita um narrador que fale em sua própria pessoa da vida e fortuna dos outros e se distancia dos fatos a fim apresentá-los ao leitor, já previamente julgados e sentenciados. Da mesma maneira, o narrador em Coetzee não se posiciona como dono da verdade absoluta em relação às temáticas que levanta em suas obras. Antes, ele as apresenta de maneira a provocar em seus leitores a criticidade buscando acender a capacidade adormecida em cada um de indignar-se com valores ultrapassados que atravancam uma sociedade (sul-africana pós *Apartheid*) mais pluralista e inclusiva.

⁵ Não estupro, não é bem isso, mas indesejável, no entanto, indesejável até o âmago. Como se ela tivesse decidido sucumbir, morrem dentro de si mesma durante aquele momento, como um coelho quando as mandíbulas da raposa encerram ao redor de seu pescoço. Para que tudo feito a ela pudesse ser feito, como o foi, de muito longe. "Pauline estará de volta a qualquer minuto", diz ela quando acabou. "Por favor. Você deve ir." Ele obedece, mas, em seguida, quando ele chega ao carro, é atingido com tal abatimento, com tal apatia, que cai abruptamente ao volante incapaz de se mover. Um erro, um grande erro. Neste momento, ele não tem dúvida, ela, Melanie, está tentando limpar-se dele, dele. Ele a vê preprando um banho, pisando na água, de olhos fechados como uma sonâmbula. Ele próprio gostaria de deslizar em um banho. (tradução nossa)

Em *Waiting for the Barbarians*, o narrador escolhido por Coetzee é em primeira pessoa, cuja voz é a de um Magistrado anônimo que administra um posto na fronteira de um Império também sem nome. Toda a narração é homodiegética e é possível perceber aqui o narrador-protagonista de Friedman. Na história contada na primeira pessoa alguns canais de informação são eliminados e mais alguns pontos de vantagem perdidos: “O narrador protagonista encontra-se limitado a seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções, e o ângulo de visão é aquele do centro fixo”. (FRIEDMAN, 2002, p. 177). Observamos esse aspecto na seguinte passagem do romance:

She kneels in the shade of the barracks wall a few yards from the gate, muffled in a coat too large for her, a fur cap open before her on the ground. She has the straight black eyebrows, the glossy black hair of the barbarians. What is a barbarian woman doing in town begging? There are no more than a few pennies in the cap. Twice more during the day I pass her. Each time she gives me a strange regard, staring straight ahead of her until I am near, then very slowly turning her head away from me. The second time I drop a coin into the cap. ‘It is cold and late to be outdoors’, I say. She nods. The sun is setting behind a strip of black cloud; the wind from the north already carries a hint of snow; the square is empty; I pass on. (COETZEE, 1980, p. 18)⁶

A voz que guia o leitor pela obra localiza-se no centro das interações. Desta maneira, as análises tornam-se mais delicadas uma vez que elas devem partir das ações e não das impressões do protagonista narrador. Mais uma vez Coetzee provoca no leitor a criticidade, instigando sua desconfiança ou ao menos sua ponderação em relação aos julgamentos e impressões do Magistrado dos acontecimentos que os cercam.

4. As personagens de Coetzee

As personagens de um romance são reveladoras dos propósitos de um autor e, ainda mais fundamentalmente, das estruturas básicas dos valores impressos em cada obra. As personagens de Coetzee são representações de uma sociedade pós-colonial, no sentido que experienciaram as facetas do imperialismo e seus descomedimentos.

⁶ Ela se ajoelha na sombra da parede do quartel a algumas jardas do portão, agasalhada com um casaco grande demais para ela, um gorro de pele aberto à sua frente no chão. Ela tem as sobrancelhas negras e retas, o cabelo preto brilhante dos bárbaros. O que uma mulher bárbara está fazendo na cidade mendigando? Não há mais do que alguns tostões no gorro. Por mais duas vezes durante o dia eu passo por ela. A cada vez ela me repara de maneira estranha, olhando para a frente dela até que esteja perto, em seguida, muito lentamente vira a cabeça para longe de mim. Da segunda vez eu deixo cair uma moeda no gorro. “Está frio e tarde para estar fora de casa”, eu digo. Ela acena com a cabeça. O sol está se pondo atrás de uma faixa de nuvem negra; o vento do norte já carrega uma pitada de neve; a praça está vazia; Eu sigo meu caminho. (tradução nossa)

Waiting for the Barbarians é escrito no tempo presente e a trama é contada em um modo alegórico distante, onde nem as personagens tampouco o lugar têm nomes. Nesta análise enfatizaremos três personagens centrais do romance: o Magistrado, a garota bárbara, e o coronel Joll. Não é coincidência que dentre os três, o coronel seja a única personagem nomeada, pois ele é um agente e representante do Império. Sua imagem representa o projeto imperial em sua totalidade, sua hipocrisia e seu ódio. É o braço armado do Estado em oposição à subjugação das figuras anônimas do texto.

O Magistrado é um homem de meia-idade, de um caráter moralmente retorcido, que é responsável por um posto na fronteira do Império. Circulam rumores de que os nativos – os bárbaros – estão se preparando para atacar. É quando o coronel Joll, um perito em torturar prisioneiros, é enviado para conter a suposta rebelião. Joll acredita firmemente que o Império representa a civilização contra o primitivismo e modos selvagens dos bárbaros. Os moradores da vila, por sua vez, representam uma sociedade conivente com as torturas e a violência contra o outro, desde que sejam preservadas sua segurança e seu direito à propriedade. Nesse cenário é possível imaginar a fixação e a aceitação por parte de alguns poucos beneficiados de um regime segregacionista e violento que advoga por manter o estado das coisas e a hierarquia entre dominadores e dominados.

Coetzee nunca afirmou se tratar de um romance que retratasse a situação mais crítica do *Apartheid* em sua terra natal, mas é possível traçar paralelos por meio da representatividade das personagens engendradas no romance.

O Magistrado, inicialmente, vive em cumplicidade com Joll e o regime do Império. Mas à medida que vê o Coronel em ação perde sua fé na noção de esclarecimento e superioridade moral do Estado e se rebela contra ele. Uma peça chave na mudança de comportamento do Magistrado é a figura da garota nativa, que acaba sendo acolhida por ele depois de ser deixada para trás, cega e deformada pelas sessões de tortura promovidas pelo Coronel Joll. O Magistrado cria uma relação de dependência com a garota e decide levá-la de volta a seu povo, mas quando retorna é considerado traidor e retirado do seu posto.

A cidade é tomada pela paranoia da espera do ataque dos Bárbaros, e pelo retorno dos soldados que saíram em busca de detê-los, enquanto a cidade é escamoteada pelos soldados que permaneceram para defendê-la e o Magistrado é torturado pelo poder imperial.

O Magistrado eventualmente recupera sua posição, a paz é retomada, mas ele se sente envergonhado do tratamento dado aos “bárbaros”. Ele se considera incapaz de fornecer um relatório histórico do que aconteceu, pois ele não seria suficiente para expressar a realidade da vida na fronteira.

O romance traz várias questões morais, mas principalmente questiona a convivência da sociedade à violência empregada ao outro em nome da manutenção de um *status quo*. Coetzee critica claramente a dormência da sociedade branca sul-africana que permitiu a perpetração do regime segregacionista e sua consequente culpa.

Em *Disgrace* a trama se desenrola essencialmente em torno de três polos emblemáticos, David Lurie, professor de literatura na universidade de Cape Town, sua filha Lucy, e Petrus, um trabalhador rural negro agora co-proprietário das terras de Lucy. O romance é ambientado em algum momento pós *Apartheid* na África do Sul. David é um acadêmico que leciona literatura, escreve livros sobre romancistas ingleses e enfrenta a crise da meia-idade. Sua vida profissional é morna assim como sua vida sexual. Ele frequenta regularmente uma garota de programa, Soraya. Tem um caso com uma secretária do departamento e seduz Melanie, uma aluna negra de 20 anos.

Esse último caso desemboca em um escândalo quando a aluna o denuncia por assédio sexual. A maneira como o estupro de Melanie é tratado, que deixa uma lacuna para que o próprio leitor faça sua avaliação, não é de maneira alguma accidental. David é levado a julgamento e a ele é dada a chance de se redimir por meio de um pedido público de desculpas, mas ele se recusa e perde seu cargo na universidade juntamente com seu prestígio.

Após o incidente David resolve se mudar para o sítio de sua filha Lucy, cuja personalidade parece se opor à sofisticação de seu pai. Ela é uma mulher que gosta de tratar da terra, prefere a vida alternativa e mantém relações amigáveis tanto com seus vizinhos brancos e negros. A identidade sexual de Lucy (homossexual) não apenas revela sobre as visões da própria personagem sobre sexo; ela também fornece uma plataforma para a análise das ponderações de David sobre as mulheres e a sexualidade em geral.

Uma tarde pai e filha são atacados por três homens negros, Lucy é estuprada, David tem a cabeça queimada e os cães os quais eram cuidados por Lucy são brutalmente mortos. Enquanto tentam se recuperar dos traumas vividos, Lucy descobre estar grávida do estupro, e para surpresa do pai decide não abortar e aceita a proteção da aliança (por meio do casamento) com Petrus, que para desespero de David, acolhe em

sua casa um dos estupradores de Lucy. Petrus é um agricultor e patriarca da etnia Xhosa, polígamo com duas esposas, e tem grande representatividade na comunidade local. A aliança com Petrus é encarada por Lucy como uma sujeição,

‘Yes, I agree, it is humiliating. But perhaps that is a good point to start from again. Perhaps that is what I must learn to accept. To start at ground level. With nothing. Not with nothing but. With nothing. No cards, no weapons, no property, no rights, no dignity.’ ‘Like a dog.’ (COETZEE, 1999, p. 87)⁷

Coetzee não oferece conciliações politicamente corretas da alteridade por meio da qual se constroem tanto sujeito como objeto do contexto pós-colonial. Como citado anteriormente, a alteridade é a “sombra amarrada do sujeito porque ambos se construíram” (BHABHA apud BONNICI, 1998, p. 15)

Disgrace revela um relacionamento conturbado entre suas personagens e sua nativa África do Sul. Assentado no período pós-*Apartheid*, o romance mostra as facetas por meio das quais a memória da opressão racial e política persistem e estão pungentes no país. No trabalho anterior, *Waiting for the Barbarians*, Coetzee apresenta visões perturbadoras da África do Sul durante o *Apartheid*. Depreende-se uma conotação cíclica para as causas e acontecimentos relatados nas obras analisadas. É possível perceber “uma circularidade histórica iniciada em *Waiting for the Barbarians*, com a chegada dos brancos ao território africano, e encerrada em *Disgrace*, com a retomada das terras africanas pelos nativos” (BANDEIRA, 2008, p. 29).

Considerações Finais

Não há respostas prontas quando se fala em Coetzee, não há espaço para a idealização de uma comunidade, qualquer que seja ela. Sua escrita é direta, mas sem perder a maestria em expor aquilo que se pretende encobrir e ao mesmo tempo abafar, sem que nenhum dos dois perca em sutileza ou ambiguidade.

Tanto em *Disgrace* quanto em *Waiting for the Barbarians*, Coetzee denuncia a violência velada e institucionalizada por parâmetros políticos ou culturais. O autor se posiciona contra a violência e, embora as catástrofes dos romances aconteçam em uma dimensão pessoal, é à África do Sul pré e pós-*Apartheid* com sua desigualdade social e seu sistema próprio de leis que acabam por remeter indiretamente.

⁷ ‘Sim, eu concordo, é humilhante. Mas, talvez, isso seja um bom recomeço. Talvez isso seja o que eu preciso aprender a aceitar. Para começar do zero. Com nada. Não com nada além de. Com nada. Sem cartões, sem armas, sem propriedade, sem direitos, sem dignidade.’ ‘Como um cachorro.’ (tradução nossa)

Sem fazer distinção e abdicando de um posicionamento radical que apela para a especificidade de um nacionalismo cultural, Coetzee delata a barbárie perversa e imoral que surge de ambos os lados da fronteira entre “o outro” e “o um”.

Referências

ASHCROFT, Bill. GRIFFITHS, Gareth. TIFFIN, Helen. *Key concepts in post-colonial studies*. New York: Routledge, 1998.

ASHCROFT, Bill. *Post-colonial transformation*. New York: Routledge, 2001.

BANDEIRA, Marília Fátima. *Representações da violência em Disgrace e Waiting for the Barbarians de J. M. Coetzee*. Dissertação (Mestrado em Língua Inglesa e Norte-Americana) – Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21. *Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 4, n.º 3, 2005, p. 186-202. Disponível em: <http://www2.uefs.br/ppglcd/revista3_186.html>. Acesso em 15 maio de 2014 às 01h25min

BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998. Disponível em: <http://www.usc.br/biblioteca/mimesis/mimesis_v19_n1_1998_art_01.pdf>. Acesso em 10 maio de 2014 às 21h58min.

COETZEE, J. M. *Disgrace*. Nova York: Penguin, 2000.

COETZEE, J.M. *Waiting for the barbarians*. Londres: Penguin Books, 1980.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção – o desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. *Revista USP*. São Paulo, n. 53, p. 166-182, 2002.

LEITE, Lígia Chiapipini Moraes. *O Foco Narrativo ou a polêmica em torno da ilusão*. São Paulo. Editora Ática, 4º edição. 1989.

PEREIRA, Ana Lúcia Danilevicz. A África do Sul independente: segregação, *Apartheid* e transição pactuada (1910 – 1994) In: VISENTINI, P. G. F. ; PEREIRA, A.L.D. (Org.). *África do Sul: história, estado e sociedade*. Brasília: FUNAG/CESUL, 2010. p. 17-34.

SADLER, Darlene J. Pós-colonialismo, feminismo e a escrita das mulheres e cor nos Estados Unidos. *Revista Mulheres*, v. 1, n.º 8, 2004. Disponível em <http://www.litcult.net/revistamulheres_vol8.php?id=710#sumario>. Acesso em 15 maio de 2014 às 19h22min.

VISENTINI, Paulo Fagundes. RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. O sul da África: das origens à “descolonização branca” (até 1910). In: VISENTINI, P. G. F. ; PEREIRA, A.L.D. (Org.). *África do Sul: história, estado e sociedade*. Brasília: FUNAG/CESUL, 2010. p. 17-34.